

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistado: Glaucea Helena de Britto

São Paulo, 8 de novembro de 2021.

Duração: 1h55min

Realizada na plataforma Google Meets

Laura: Eu gostaria de desejar uma boa noite à todes e agradecer muito a presença de vocês nesse nosso encontro do Projeto Matizes, o quarto encontro. Como informado no formulário de inscrição, esse encontro será gravado. Vamos iniciar a gravação agora. Bom, meu nome é Laura Sapucaia e antes de iniciar eu vou fazer minha audiodescrição por motivos de acessibilidade. Sou uma mulher parda de cabelo cacheado longo e preto. Estou utilizando um óculos de grau redondo, uma camiseta preta e atrás de mim há um círculo amarelo, que é o logo do Projeto Matizes. Matizes é um ciclo permanente de conversas e entrevistas que ocorrem mensalmente. É uma iniciativa dos alunos da Licenciatura em Artes Visuais, com participação de estudantes da Licenciatura de Artes Cênicas e Música, e conta com a coordenação da Professora Sumaya Mattar e o apoio de Leandro Oliva. O projeto surgiu da urgência de tratar de assuntos relativos à diversidade de raça, gênero e sexualidade, de modo interseccional nas áreas do saber da arte e da educação através do diálogo de artistas, educadores e pesquisadores. O projeto tem como princípio uma abordagem anti-hegemônica, antirracista e antipatriarcal do conhecimento, visando acolher múltiplas narrativas, tendo em vista a pluralidade de sujeitos que compõem a nossa sociedade. Os encontros ocorrem na plataforma Google Meets das 19h às 20h30 e esse é o nosso último encontro do ano, que junto com os anteriores, logo será postado no nosso canal do Youtube. Caso tenha interesse em receber o certificado, nossa equipe irá disponibilizar um formulário a ser preenchido no chat. Visando a acessibilidade e a inclusão nesse encontro, eu vou citar aqui algumas ferramentas de acesso. Para acionar as legendas simultâneas, basta clicar no ícone das reticências ou três pontinhos, ir em legendas e selecionar a língua de preferência. Também utilizaremos o recurso da audiodescrição e todes os realizadores do projeto Matizes estão à disposição no chat. Esse projeto é uma realização de Antônia Perrone, Beatriz Camargo Martins, Caio Bonifácio, Camila Vasques, Gabriel Ussami, Guilherme Ferreira, Helena Zilbersztein, Lais D'Addio, Laura Sapucaia, Letícia Santos de Moraes, Lia Leiras, Luiza Latorre, Mariana Meyer, Mirella Basti, Thais Suguiyama. A conversa é estruturada em três

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

momentos. O primeiro é uma apresentação da nossa querida convidada, o segundo é guiado pelas perguntas da mediação e no terceiro há abertura para as questões do público, que podem ser enviadas tanto pelo chat ou faladas oralmente. Vocês podem fazer colocações durante toda conversa pelo chat que estaremos atentos. Agora eu vou passar a palavra para os meus colegas Antônia, Guilherme e Thais que irão fazer a mediação desse encontro. Obrigada!

Antônia: Obrigada, Laura. Oi, todo mundo. Tudo bem? Queria começar agradecendo a presença de todos, todas, todes que estão aqui hoje, principalmente da Glaucea, que é a convidada dessa vez. Eu vou compartilhar a mediação com os meus colegas Guilherme e Thais. Eu me chamo Antônia, eu sou uma mulher branca com cabelos pretos e olhos escuros. Estou vestindo uma blusa vermelha e atrás de mim tem esse mesmo círculo, que é o logo do Projeto Matizes. É isso, vou passar para o Gui se apresentar.

Guilherme: Oi, pessoal! Boa noite. É um prazer estar aqui hoje e muito feliz de poder conversar com a Glaucea, é uma honra. Eu vou fazer minha audiodescrição também. Eu me chamo Guilherme, eu sou um homem pardo, eu tenho pele clara, cabelos crespos. Tenho um bigode, um cavanhaque e uso uma camiseta preta escura. Agora eu passo a palavra para a Thais, minha companheira aqui hoje também.

Thais: Olá, gente! Boa noite. Eu estou muito feliz também de estar aqui fazendo essa mediação. Eu me chamo Thais, eu sou uma mulher amarela. Eu uso óculos de grau quadrados e estou com o cabelo preso. Estou com uma blusa vermelho escuro e atrás de mim também tem o logo do Matizes, que é esse círculo amarelo. Queria agradecer também, que nem os meus colegas, a presença de todas, todos e todes, especialmente a Glaucea. Eu vou tomar a liberdade de ler uma mini-bio que a Glaucea mesmo enviou. Então, a nossa convidada é a Glaucea Helena de Britto. Ela é pesquisadora, mestranda em Artes pelo programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. Ela é também Especialista em gestão cultural pelo Centro Universitário Senac e é formada pelo CAP em Licenciatura em Artes Plásticas na Escola de Comunicações e Artes (ECA). Ela possui certificado em Estudos Afro-Latinoamericanos pela Universidade de Harvard. Foi assistente de coordenação do núcleo de educação do Museu Afro Brasil, assistente artístico-pedagógica da Fábrica de Cultura Brasilândia e arte-educadora para as relações étnico-raciais na Secretaria Municipal de Educação. Foi também coordenadora proponente do projeto *A Journey Through the African Diaspora* e atuou como pesquisadora no projeto

Leituras de Acervo do Museu Afro Brasil. Atualmente é integrante do grupo de pesquisa História(s) da Arte: historiografia e epistemologia e é também gestora do Terreirão Cultural - Realização de Projetos de Arte, Educação e Cultura, além de supervisora de mediação e programas públicos no MASP. Eu gostaria de passar a palavra para Glaucea, pedir para que ela faça a fala dela como a gente combinou, que vai durar mais ou menos uma meia hora. Mas se quiser estender um pouco, fique à vontade Glaucea. Depois disso, a gente vai passar para uma sessão de perguntas que a gente formulou e num terceiro momento, como a Laura explicou, a gente vai estar aberto para vocês falarem, comentarem e perguntarem. Podem ir mandando comentários pelo chat que a gente vai ler depois. Então, obrigada, pessoal.

Glaucea: Bom, eu gostaria de agradecer agora oficialmente todas as pessoas que estão aqui participando, principalmente o pessoal do Projeto Matizes, em nome da professora Sumaya Mattar. Também Antônia, Thais, Guilherme e todo mundo. Para mim é um prazer muito grande como ex-aluna do CAP retornar para falar um pouquinho da minha trajetória e da minha experiência. Então, vocês vão ver que, na verdade, essa conversa vai ter um pouco de contação de histórias porque eu fiquei pensando muito qual seria o fio condutor da nossa conversa. É muito diferente falar em todos os lugares que vocês citaram na mini bio e voltar para o meu lugar de referência onde eu me formei academicamente. Eu sempre acho que a gente é muito complexo como ser humano, enquanto profissional, enquanto ser atuante no mundo, consciente das questões todas de desigualdade principalmente. Eu acho que é nesse contexto que surge o Projeto Matizes. Quando eu entrei no CAP em 2004, nenhuma dessas questões eram levantadas. Não era pauta de nenhuma disciplina. Eu não tinha, como aluna negra e já vinda de um núcleo de pensamento negro e crítico - desde a religiosidade de matriz africana, seja da escola de samba de onde a minha família também é de origem ou outros lugares por onde eu e minha família já circulávamos - , como um conhecimento organizado, digamos assim, que é o que a academia propõe para gente, a pesquisa e tudo mais, isso não acontecia. Então, de antemão, já parabenizo vocês pela iniciativa porque eu acho que isso é muito importante. A gente ter referência, referência positiva, a gente conseguir traçar um... eu acho que vocês devem ter ouvido pela fala tanto do Claudinei quanto do Marcelo D'Saete, que, na época, eram mais velhos que eu, veteranos, eu entrei super jovem no CAP. A gente já tem toda uma questão numérica mesmo de restrição. Se a gente pensar os alunos que são racializados seja negro, indígena ou pertencentes à outras etnias também, o número ele é muito menor. A gente sabe o quanto o vestibular já elimina. Não é que seleciona, ele elimina. É um processo eliminatório. E a gente pensar a importância de colocar as nossas pautas desta

forma no centro, não como apêndice, alguma coisa que vai tentar chegar lá ou tentar complementar. Não, ela é central. Ela é super importante. Ela diz respeito a maior parte da população brasileira. Ela diz respeito a formação do mundo moderno, desse mundo ocidental como a gente se entende, as sociedades atlânticas, a movimentação das pessoas que foram racializadas, tanto a população negra em diáspora quanto as populações originárias aqui das américas. Então, a gente não está falando de algo pequeno. A gente está falando de algo que é fundamental, que é central, e que deveria desde sempre fazer parte dos nossos estudos. Então, para falar um pouquinho da minha trajetória acadêmica na graduação, que começa em 2004, eu, enfim, nenhuma dessas questões eram colocadas dessa forma em forma de grupos de estudos, nada. Eu acho que da minha época, a exemplo de outros estudantes negros no caso, a gente tinha que, de alguma forma, sempre criar estratégias para tentar tensionar ou pelo menos direcionar ou ampliar o currículo de uma forma que abarcasse as nossas questões, as nossas pautas, como vocês colocaram, a temática etnico-racial, de diversidade, de interseccionalidade. Muitos dos temas que a gente mobiliza hoje para falar das questões de diversidade, etnico-racial, na época, a gente nem conhecia como interseccionalidade, por exemplo. Ou mesmo essa palavra, decolonialidade. Eu vou falar um pouquinho sobre ela ao longo da minha fala aqui. Nada disso fazia parte do nosso horizonte epistêmico na academia. Então, o que eu fiz foi, na verdade, algo que eu também tenho feito também agora no mestrado, procurar algumas disciplinas, professores ou outros departamentos que deem conta desse conteúdo. E eu encontrei no MAI, que é o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, uma disciplina chamada *Estudos de Arte Africana*. Ela foi muito importante para a minha formação ao longo desse período de graduação que eu completei em 7 anos. Eu fiz no período máximo, que era o limite para não ser jubilada. Tem uma questão na própria estrutura que além da gente passar por esse processo eliminatório para entrar, que é o vestibular, tem toda uma estrutura no curso de Artes, Artes Visuais, Artes Plásticas, enfim, que dificulta ainda mais esse acesso. Eu não sei se ainda é assim, mas na minha época eram 30 vagas abertas anualmente e a gente tinha antes da prova da primeira fase da FUVEST, primeira e segunda, a gente tinha a prova de habilidade específica, que era uma prova de desenho e teoria de história da Arte e tudo mais. Então, tinha toda essa questão de antes de a gente prestar o vestibular mais geral, saber se a gente tinha habilidade suficiente, habilidade específica para adentrar nesse curso. Não que não seja necessário a gente ter habilidade, mas assim, qual habilidade é válida? O que é de fato uma habilidade? O que é arte? O que vai ser considerado nessa teoria? Se a gente, a princípio, não tem um pensamento que considera, por exemplo, eu

que sou da escola de samba, só no final da graduação fui fazer um TCC que o título da monografia era *O ensino da arte para crianças pertencentes à comunidade da escola de samba Rosas de Ouro*, para falar o quanto essa percepção, essa vivência, de experiências estéticas significativas que já acontecem em alguns ambientes, em vários ambientes no espaço de sociabilidade negras ou não, mas no meu caso tinha o recorte

etnico-racial. Aí quando a gente vai participar desse tipo de processo, qual é a referência? Qual é o modelo? Ou seja, o cânone, que é isso que a gente tem na história da arte que é eurocentrada, que é branca, que é masculina. Todos esses recortes se fazem presentes também. Então, parece ter uma ideia de neutralidade, mas, na verdade, não é nada neutro. Na verdade, ele direciona para quem tem mais oportunidades de acesso ou não. Então, uma coisa que eu sempre digo nas minhas falas, o quanto a história da arte é para nós que somos estudantes de artes e tudo mais, é a história da oportunidade de acesso. Quem tem, tem. Quem não tem, acontece o que? Então, não pode ser artista. Não pode pensar na sua formação acadêmica enquanto artista. Não tem competência para isso. Não tem habilidade para isso, não tem conhecimento. Então, não é uma questão de ter ou não. É o quanto nos é proporcionado historicamente: mais ou menos acesso. Ou um acesso direto, digamos assim, ou acesso nenhum, você fica completamente à parte desse processo. Quem vai dizer o que é arte? Quem vai produzir arte? Quem vai usufruir dessa arte que é desde sempre, pelo menos desse período histórico que a gente fala de Brasil, 500 anos, hierarquizado? Existe uma hierarquia das Belas Artes. Hierarquia da arte e das artes outras, que no caso são as artes populares, a arte afro-brasileira entra nesse contexto, a arte primitiva já entrou nesse contexto, a arte naif e outras denominações também. A gente sabe a que projeto ela serve. Então, essa disciplina de *Estudos de Arte Africana*, era com a professora, o apelido dela é Lise. Ela já é aposentada. Ela é Marta Heloisa Leuba Salum, nome completo dela. Essa disciplina abriu toda uma porta de possibilidades para eu pensar esses outros referenciais de produção artística e, de alguma forma, complementar essa grade curricular. Na minha época, tinha até as disciplinas de *Evolução das Artes Visuais I*, *Evolução das Artes Visuais II*. Tinha toda uma questão ali da nomenclatura. E, claro, tinha disciplina de arte brasileira, mas um determinado tipo de arte brasileira, basicamente as referências dos movimentos de arte europeias. Eu não sei o quanto isso mudou na grade, mas enfim. E, fazendo essa disciplina de *Estudos de Arte Africana*, eu fiz ela no primeiro semestre de 2006, logo depois surgiu uma oportunidade de trabalhar no Museu Afro Brasil. O Museu Afro Brasil foi fundado em outubro de 2004. Ele vem dos esforços do movimento negro nessa primeira década... o movimento é já de longa data, né?

Principalmente a partir da década de 1970, desse movimento de redemocratização aqui no Brasil, de abertura política e tudo mais, quando os esforços desse movimento negro começa a ganhar corpo, começa a se materializar em políticas públicas e tudo mais. E vai para a primeira década dos anos 2000, alguns dos esforços, dessa ação, dessa movimentação, mobilização política. Elas se transformaram de fato em políticas públicas, em leis, em instituições sendo abertas, inauguradas. Então, algumas das principais, e aí que acontece junto com essa minha entrada na USP, é a implementação da Lei 10.639, que é de 2003. Em 2004 ocorreu a fundação do Museu Afro Brasil em São Paulo. Então, meu percurso acadêmico já começa sendo marcado por essas duas grandes conquistas desse movimento negro. Não por um acaso. No caso da lei, ela é uma lei da educação. Eu vou até ler aqui um trequinho dela, porque eu acho que é muito importante para a gente pensar também como isso me impactou. Naquele momento estava todo mundo pensando: "E agora? Agora que a lei foi promulgada..." Acho que até hoje isso acontece, mas na época a gente imaginava que rapidamente ia conseguir dar conta. "O que a gente deve fazer para conseguir que de fato nas escolas se implemente nos currículos a história e cultura africana e afro-brasileira?". Então, eu estava super atenta. Assim que a lei foi promulgada, eu já estava pensando e participando ali dessa movimentação, fazendo estágio nas escolas, depois entrando no Museu Afro Brasil, pensando em como a gente poderia atuar para que a lei de fato fosse implementada. Questões que a gente tem até hoje, mas enfim, já caminhou um pouquinho. Então, a lei vai colocar, acho que vocês conhecem, mas é importante frisar isso, ela vai incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e esses conteúdos vão ser ministrados no âmbito do todo o currículo escolar, mas, em especial, nas áreas de Educação Artística, aí entra a gente aqui, de Literatura e Histórias brasileira. Então, guardem esse nome também. Essa questão de porquê as artes vão ser uma ferramenta importante para se pensar essas novas histórias, esse outro olhar, esse novo currículo mais amplo, mais justo, digamos assim, mais igualitário. Pensando a minha trajetória de 2003 para cá, já são quase 20 anos, eu penso nessa capacidade da arte de a gente pensar, de a gente ter essa coisa de treinar o olhar. E o olhar não só volume, luz, cor, enfim, olhar estruturas mesmo, um olhar que atravessa. Então, quando a gente pensa em interseccionalidade, por exemplo, que é uma ferramenta teórico-metodológica criada por pensadores, por intelectuais negras para explicar a questão da desigualdade, o interseccional, por que ele é importante? Porque ele não é superficial. Ele vai olhar a estrutura por dentro. Ele vai observar os vários níveis e como esses vários níveis de desigualdade, de opressão, vão interagir, vão agir em conjunto para

oprimir mais uns ou umas do que outros. Então, é muito interessante a gente, como uma ferramenta mesmo de estudo... eu estou falando o olhar porque, claro, estou falando das artes visuais, mas o ideal seria falar dos sentidos. Como a gente entende esse treinar o olhar. Treinar os sentidos para olhar o quê? De que forma? Então, a gente consegue se aprofundar, chegar o mais próximo possível, digamos assim, dessa interação. Eu vou chamar de experiência estética, mexendo com os sentidos, mas eu acho que o campo da arte favorece isso. A gente está no campo, claro, da racionalidade, mas a gente também está no campo do sensível e o sensível é como água. Ele vai entrar em lugares ali, encontrar caminhos que, talvez se a gente fosse uma rocha, digamos assim, a gente bateria e não encontraria. Seria forte, mas não chegaria em outros pontos e a grande questão é essa, né? Como a gente percorre esses vários pontos. Então, eu acho que a lei é muito inteligente nessa proposição de colocar o campo da arte como uma ferramenta importante e fundamental para esse ensino tanto a educação, claro, mas também as artes. Trazer também o sensível para essa mudança, esse treinamento do olhar e dos sentidos como um todo. Quando eu chego no Museu Afro Brasil nessa efervescência toda, eu participei do primeiro grupo de arte-educadores. Toda a movimentação vinha nesse sentido de oferecer recursos, de oferecer formação mesmo para esses, pensando principalmente na rede de ensino, professores. A sociedade como um todo, claro. A gente atendia também, atende até hoje, estudantes. Mas pensando nesses agentes multiplicadores, na questão do ensino do professor, como ele vai trabalhar esses conteúdos em sala de aula. Então, a gente tinha duas questões no Museu Afro Brasil. Em várias instituições, o Museu Afro Brasil, as instituições culturais, outras instituições também como o MASP, onde eu trabalho agora, a gente tem observado essa movimentação. Elas também são aliadas da gente para repensar esse currículo, pensar em novas proposições no campo da arte, mas também em diálogo com a sociedade. Eu trouxe até algumas imagens. Deixa eu ver se eu sei como compartilhar a tela aqui. Mas essas imagens são só para ilustrar, só para não ficar só eu falando, contando a história. Quando eu cheguei no Museu Afro Brasil... eu compartilho uma guia ou uma janela?

Antônia: Tanto faz. Acho que as duas funcionam. Talvez compartilhar a guia seja mais fácil!

Glauce: Tá. Vocês me digam se está ok. Então, eu falei para vocês que eu ia falar um pouco desse tripé, da produção, da formação e da circulação. Então, o tempo todo, pensando no curso de Licenciatura, a gente estar em contato com essa questão da formação. Sempre pensando na formação, pensando na escola. Quando eu vou para o Museu Afro Brasil e entro em contato direto com a questão da produção, ver o que os artistas estão mobilizando em

termos de visualidade, de temática, de conteúdo, foi um impacto muito grande. Eu não sei como fazer isso gente (sobre compartilhar a tela).

Antônia: Você vai apresentar algo que está em um outro programa?

Glaucea: Tenho em Power Point e tenho em PDF.

Guilherme e Antônia: Acho melhor apresentar a tela inteira.

Glaucea: É que eu faço toda a programação online por uma plataforma específica aqui no MASP. Então, eu estou super treinada para mexer na outra e desaprendi essa daqui. Deixa eu ver... vocês vêem?

Antônia, Guilherme, Thais: Estamos vendo!

Glaucea: Está ótimo. Eu vou colocar em tela cheia, ok?

Antônia: Ótimo!

Glaucea: Tá, qualquer coisa vocês me falam porque eu não estou vendo vocês. Bom, quando eu chego no Museu Afro Brasil, eu coloquei até uma foto minha 20 anos atrás, não reparem, fazendo aqui uma mediação de uma obra do Dominique Zinkpè, que é um artista beninense que fez uma exposição em 2007. O Benin está vivo ainda lá no Museu Afro Brasil. Mas, só para dizer que, quando eu chego no Museu Afro Brasil e diariamente tenho um contato direto com essa produção desses artistas... aqui a gente tem uma obra do Eustáquio Neves, fotógrafo, mineiro, chamada *Máscara de punição*, que é um dos artistas fotógrafos que eu pesquiso agora no meu mestrado. Então, para vocês verem como esse caminho na verdade ele é todo, não é uma linha reta, ele tem uma circularidade na minha trajetória. Eu saio de um lugar, mas eu vou retornando. Cada vez eu volto trazendo outros elementos, outras questões, outros olhares. Essa é uma série que ele pega fotos da mãe dele jovem por volta de 18 anos e faz referência à máscara de Flandres, que era a máscara de punição, um instrumento de tortura durante o período da escravidão. E tanto no trabalho de educação mesmo, conversando com o público e observando diretamente a obra, as reflexões que são trazidas, principalmente o sentido do quanto a gente está inserido nesse contexto ainda hoje, o quanto esses artistas eles vão mobilizar temas. Aqui a gente tem Wagner Celestino retratando Seu Nenê, que fundou a Unidos (inaudível) a Nenê de Vila Matilde, uma das principais escolas de samba aqui em São Paulo. Então, eu trouxe essas imagens porque a teoria, penso eu, talvez uma reflexão que eu tenho tido, ela sempre vem como uma forma de organizar o pensamento a partir de uma prática. Então, quando a gente fala de decolonialidade hoje, a gente fala de uma série de questões. Mas esses artistas já vem de muito tempo falando coisas que a teoria organiza. A gente tem aqui o Walter Firmo, fotógrafo carioca também super importante que vai fazer uma

espécie de inventário da sociedade brasileira. Ele vai retratar o Brasil todo, várias regiões, pessoas importantes, personalidades. Aqui a gente tem o Pixinguinha. A gente tem o Cartola também. Ele faz sempre esse contraponto com as fotografias da segunda metade do século XIX ao começo do século XX, que são fotografias que também ajudam... aí um pouco da base da minha pesquisa de mestrado, que ajudam a formar esse olhar, a construir a ideia do outro, né? Quem é o ser humano, o ser universal, e quem é o outro? Então, sempre as populações racializadas são consideradas o outro e, a partir do momento que esses fotógrafos se tornam sujeitos da sua própria prática representacional, o que acontece nessas imagens? Aqui temos a Rosana Paulino também. Como eu coloquei só para

ilustrar, eu não coloquei exatamente a legenda e tudo mais, mas são imagens da obra que vocês vão encontrar no acervo do Museu Afro Brasil. Essa especificamente está no acervo do MASP, que é sobre a permanência das estruturas, de 2007 da Rosana Paulino. Imagino que vocês já devam conhecer a obra dela em profundidade. Eu trouxe Heitor dos Prazeres também para falar... qual é a referência que eu trouxe nestas imagens? O Museu Afro Brasil é organizado em núcleos temáticos. E aí eu percebo hoje o quanto a minha trajetória, o meu campo de ação de alguma forma também dialoga hoje com esses núcleos temáticos. A gente tem o núcleo de Festas brasileiras, aí tem a obra do Heitor. É claro que eles vão dialogar entre si também. Por exemplo, o núcleo *Artes e Festas*, mas só *Festas* no caso do Heitor dos Prazeres. A Rosana Paulino, no caso, está no núcleo de *Artes*, mas também a gente pode fazer uma leitura que a relacione com outro núcleo chamado *Trabalho e Escravidão*. O trabalho dos fotógrafos também está no núcleo de *Artes*, mas a gente pode relacionar com o núcleo que vai falar de *História e Memória*, que são personalidades negras importantes para a história, para a construção da história brasileira. A gente tem aqui o Rubem Valentim também com o Composição Nº12. É de 1962 essa obra. Essa obra é do acervo do MASP, mas muitas das obras dele estão também no acervo do Museu Afro Brasil. Com elas dá para falar de *Arte*, mas também de *Religiosidade*, já que ele vai se inspirar também nas insígnias, nos emblemas do Orixás para fazer as suas composições. Esse conhecimento que o Museu Afro Brasil ao longo do tempo, desde seu período de fundação em 2004 até hoje, foi um grande aliado nessa questão de compor junto com a academia, porque praticamente o tempo todo, entre 2004, saí daqui em 2010-2011. No Museu Afro Brasil, eu entrei em 2006, fiquei até 2013. Depois saí em 2013 e voltei só em 2018, foi quando eu entrei no mestrado justamente pesquisando o acervo do Museu Afro Brasil. Aí saí em 2020, no período da pandemia. As atividades que eu vou desenvolver hoje, por exemplo, eu não coloquei o Marcelo D'Saete aqui. Eu ia colocar

para falar para vocês o quanto o museu também acaba se atualizando, trazendo artistas que são referências algumas décadas atrás, mas também trazendo essa produção contemporânea mais jovem, digamos assim, para de novo, para o centro dessa circulação, desse circuito de arte, para esse mercado de arte, pensando na questão das exposições e do nosso acesso até esses lugares. Aqui a gente tem um desses artistas, eu ia trazer também o Marcelo, mas enfim, vocês conheceram o trabalho dele, já conhecem de um tempo, e agora na fala dele também. A gente tem o Dalton Paula com a Zeferina, que é uma das obras mais icônicas, emblemáticas dele. Por que eu trouxe essa obra também? Porque eu entendo que o Museu Afro Brasil existe uma trajetória, digamos assim, nos temas. Se a gente pegar esses últimos 10 anos em temas de exposições que tratam dos temas de arte brasileira na perspectiva da produção negra, afro descendente, a chamada afro-brasileira ou a arte que tem uma autoria negra, que considera a autoria ou o tema no caso. O Museu Afro Brasil pelo menos aqui em São Paulo, ele foi pioneiro e no Brasil em termos de acervo, também do tamanho. Essa obra do Heitor, eu fiz uma palestra em março de 2018 no MASP e que foi a primeira atividade do ciclo temático de histórias afro-atlânticas. Desse período de lá para cá, de 2018 até agora, grande parte do acervo do MASP, eu imagino que a Amanda deva ter comentado também, acabou sendo modificado em termos de aquisição mesmo, de política de aquisição a partir da presença desses artistas nessas exposições temáticas. Então, a importância de se trazer a princípio o tema, só uma palavra: "a arte afro-brasileira". Claro, aí tem toda a discussão sobre o tema "o que é a arte afro-brasileira?". Ela precisa ser denominada afro-brasileira, mas, a princípio, quando a gente nomina, a gente identifica qual é a questão e consegue trabalhar a partir desse reconhecimento, dessa identificação. Aí, depois disso, a gente vê como outros movimentos podem ser feitos naquilo que a gente quer. Na verdade é uma justiça racial e social e, enfim, isso é o fim. Não só mostrar, apresentar, mas também mobilizar e modificar estruturalmente essas desigualdades. Então, um desses passos, um dos primeiros passos no caso foi apresentar essa produção, colocar em exposição, em circulação. Então, a gente tem várias exposições nos últimos anos que dão conta dessa temática, digamos assim, dessas pautas. Depois disso, tem essa mobilização nos acervos de adquirir essas obras para que elas permaneçam no tempo. A grande questão não é só a ação, mas como a ação permanece no tempo e ao longo do tempo modifica essa estrutura. Ano que vem, agora já falando da atualidade, o Dalton Paula é um dos artistas que eu vou fazer a curadoria da exposição dele em julho do ano que vem no MASP. Da mesma forma, religiosidade nessa arte que a princípio foi chamada de afro-religiosa, depois só de afro-brasileira e agora a gente chama de arte

brasileira. Ano que vem a gente vai ter também no MASP o ciclo de histórias brasileiras compondo esse ciclo expositivo das histórias. O núcleo que eu vou fazer curadoria é justamente o núcleo de religiosidade. Vou voltar para ver vocês. Voltei. Refletindo justamente sobre essa questão do decolonial que a gente fala hoje, na minha época, há 20 anos atrás, não tinha esse termo. Mas hoje a gente fala nele, como vocês colocaram aqui no convite, a perspectiva decolonial. Às vezes eu me pergunto: Mas e quando a gente não tiver essa palavra? Quando for outra? O que que a gente faz? A gente para tudo que a gente está fazendo e a gente vai fazer outra coisa? Então, não valeu nada do que a gente fez agora, vamos correr atrás de fazer outras coisas? E eu acho que, voltando de novo, olhando de novo para a obra desses artistas, para essas poéticas, para essas construções, para esse modo de produzir artisticamente, eu acho que a gente aprende muito com eles. E, de novo, o quanto a palavra importa, como eu disse, para apontar qual é a questão, qual é o problema que precisa ser feito ou ser olhado ou ser de alguma forma modificado ou transformado. É isso que a gente quer, é isso que a gente precisa, mas não é só a palavra. É a questão de como a gente age no mundo, de como a gente pensa. Então, decolonialidade ou outras teorias críticas do pensamento não podem ser só o pensamento pelo pensamento. “Ah, eu vou falar disso só porque eu estou pesquisando, mas na minha casa tem a empregada doméstica que é quase da família, tá a 50 anos sem receber nada.” Ou: “Ah, eu sou uma ótima curadora, faço exposições incríveis com essa temática, mas não consigo dar bom dia nem falar o nome do funcionário negro que tem uma função que eu considero subalternizada”. Eu falo tudo isso de experiência própria gente e é ótimo falar em primeira pessoa porque eu não estou só lendo um livro e reproduzindo aquilo que os teóricos disseram. É como eu coloco, é uma questão do pensamento, mas é uma questão da prática, uma questão física também porque no limite a gente morre. Quando a gente fala de racismo, quando a gente fala de estrutura desigual não é só para ficar legal na pesquisa, na tese, no quadro, na exposição e ganhar prêmio internacional e tudo. Não, não é. No limite a gente morre, sabe? Eu estou falando de um risco que eu corro, que a minha família corre. Pessoas que parecem comigo, que tem essa trajetória próxima da minha são muitas pessoas. É a maior parte das pessoas. No limite, elas morrem. No limite, elas não conseguem um emprego. No limite, elas não conseguem e não é porque é menos ou porque não tem a habilidade ou voltando lá no vestibular porque não tem o conhecimento, porque não tem... Não é por isso não. É porque existe um projeto que favorece uns em detrimento de outros. Isso está em tudo que a gente faz. Em tudo que a gente faz. O jeito que a gente fala, o jeito que a gente se veste, do jeito que a gente anda, do jeito que a gente olha, do

jeito que a gente... né? Então, não dá para ser só uma palavra bacana para usar no contexto da academia, mas quando a gente está em qualquer outro lugar as pessoas viram a bolsa porque aquela pessoa negra pode roubar. A gente sai para ir ao mercado e é seguido porque todo mundo acha que você vai roubar o tempo inteiro, sabe? Que você é uma ameaça o tempo inteiro. Que seu corpo, que a sua presença é uma ameaça o tempo todo. Então, não é uma questão do pensamento, da teoria, é uma questão física. É uma questão física. É com o nosso corpo, é com a gente. Quando eu entrei no mestrado, eu falo dessa experiência abertamente, é físico o negócio, as pessoas tentavam me interromper na hora que eu ia falar ou quando eu ia me referir a um professor ou quando eu ficava parada em qualquer lugar, como se eu fosse invisível. Isso é físico, eu acho que vocês podem observar também. Se eu vejo, todo mundo vê. Eu não sou invisível. Essa é uma grande questão. É muito louco isso. Você precisa falar ou gritar ou sei lá tirar toda a roupa como as pessoas fazem quando estão

sendo perseguidas no mercado para dizer: “Cara, eu não vou roubar isso aqui, qual que é o problema?” ou “eu estou aqui, você não está me vendo?” É louco pensar isso vindo de onde eu venho porque, na verdade, eu nunca saí de onde eu venho. Eu estou lá. Eu estou indo e vindo. Na verdade, esse é o movimento. Algumas pessoas só têm contato com a realidade, digamos assim, com a periferia e tudo mais, pela pesquisa. Então, é muito simples, é muito fácil você falar: “Agora que eu estou pesquisando isso, eu vou falar, eu vou olhar, eu vou sei lá o que, eu vou me referir”, mas estranhar quando essa pessoa não está te servindo. Quando ela está ali te falando de ideias. Quando ela está ali falando o que ela acha do mundo e que você não é régua. É difícil fazer as pessoas entenderem isso porque é aquela questão das boas intenções na verdade. Existe conversa com as pessoas que estão ali na academia e tudo mais, super debatendo e tal, e a questão não é só essa. É por isso que eu fui falando da minha trajetória, de várias outras coisas e eu não falei nem metade na verdade. Tem várias coisas que eu fiz e que eu faço porque eu acredito muito nisso, o quanto essa questão da gente pensar a estrutura, da gente pensar a sociedade, pensar a transformação, pensar o que for, ela tem a ver com uma ética também de vida. Um modo de agir, de se relacionar com as pessoas, de se entender em que lugar você se coloca também. Porque às vezes as pessoas se colocam o tempo inteiro acima. Acima. O que ela fala, o que ela determina. Um papo bacana até que eu tive com uma pessoa que pesquisa e que é super próxima e tal, uma pessoa que não é negra dizendo que: “Não, eu não acho que tenho orixá porque eu sou branca. Eu sou branca, eu não tenho orixá”. Eu falei: “Olha, eu acho que tem sim”. Ela disse: “Ah, mas se eu for no terreiro e jogar, vai aparecer um orixá?”. Eu falei: “Ah, vai”. E ela: “Ah, eu acho que não vai porque

eu sou branca”. E eu: “Olha, eu acho que não é você que determina isso (risos) na minha crença todo mundo tem. Então, não importa o que você está dizendo, ou não, sendo branco ou não, sendo tal, para mim tem”. Então, tem. É isso. Quem vai determinar se tem ou não tem? Então, é um pouco esse lugar assim, o quanto a gente precisa pensar nesse movimento, nessa prática. Um pensamento que está no corpo. É um corpo que pensa, digamos assim. O que a gente tem nas culturas afro-brasileiras sendo religiosas, as festas, enfim, a gente tem esse corpo pensante. Um pensamento que é dotado de materialidade, de ação e não só essa coisa distante que a gente sabe da raiz desse pensamento ocidental que separa tudo, que separa todas as coisas. Como a gente pensa a nossa ética de vida mesmo para lidar com essas questões. Pensando nisso tudo que eu falei, tentando resumir, eu trouxe um pouco do meu trabalho mais recente ou pelo menos um deles, que é a programação da escola do MASP. Elas são um conjunto de cursos livres que acontecem desde a formação do MASP, que são super tradicionais. O MASP foi fundado em 1947. É um museu antigo aqui na cidade de São Paulo. Quando eu entro em janeiro para pensar nessa programação, eu tentei trazer exatamente isso. Eu estou pensando nessa programação: “Eu vou falar de arte. Estou falando de religiosidade? Estou. Estou falando de trabalho e escravidão? Estou”. Eu estou pensando nos núcleos do Museu Afro Brasil: “Estou falando de África? Sim. Estou falando de história e memória? Sim. Estou falando de artes? Sim”. Mas como eu vou falar dessa arte? Existem um milhão de formas. Existem formas e formas de se abordar. São cursos ligados a histórias da arte, mas quais artes? Como é que a gente vai costurar esse conjunto de ações, pensando na formação e pensando em tudo aquilo, né? Pensando nas exposições, pensando naquilo que os artistas mobilizam na sua obra e pensando na formação e nas demandas todas que a gente tem no nosso cotidiano, do nosso dia a dia. Eu vou tentar compartilhar com vocês aqui de novo. Eu coloquei alguns banners, enfim. Vocês podem olhar no site também, porque é um... Fazendo essa conexão com... eu fico viajando, quando eu vou fazendo as conexões das coisas. O que eu queria mostrar para vocês na verdade nesses cursos, o quanto o pensamento está por trás de tudo. Ele não é só aquela teoria descolada que a gente precisa passar por uma série de etapas em determinado lugar, no caso a academia. Como pensamento, ele está em tudo que a gente faz. Em absolutamente tudo que a gente faz. Em absolutamente tudo. Ele vai estar no terreiro, ele vai estar no samba, ele vai estar dentro da minha casa, ele vai estar no meu trabalho, se eu trabalhar com isso, ele vai estar em minha pesquisa. Ele vai estar em tudo. O pensamento decolonial para mim hoje é isso, mas não só o decolonial, que é o mote que a gente está falando aqui nesse momento, marcando nosso tempo histórico aqui, o nosso momento, mas o

pensamento. O pensamento crítico, ele está em tudo. Vocês estão vendo a minha tela? (começa a compartilhar a tela).

Antônia: Sim!

Glaucea: Tá! Por exemplo, um curso super tradicional da história da arte: *Histórias da arte: O Renascimento de Giotto à Tintoretto*. Ele acontece semestralmente, mas a gente tem também: *Religião, símbolo e poder afro-brasileiro na formação da cultura nacional*. Inclusive com um professor daqui da USP, o Vagner Gonçalves da Silva. Temos o curso *Corpos Indomáveis: literatura, arte e histeria*, fazendo esse recorte a partir de uma produção feminina. A gente vai falar também de *Histórias da arte - Moderna e Contemporânea*, mas já contemplando esses artistas. Aqui no fundo do banner é uma obra da Maria Auxiliadora, que trazem pautas inspiradas na cultura de matriz africana aqui no Brasil. De novo, *Renascimento: Giotto à Tintoretto*. As coisas são complexas, elas podem andar juntas. Então, a gente pode fazer uma programação, aí pensando na grade curricular até aqui do nosso curso, a gente pode tentar minimamente contemplar essa variedade, essas diversidades, essas interseccionalidades. Interseccionalidade para mim também é pensar dessa forma. Temos cursos como: *Século XIX: de Davi à Van Gogh, Histórias das exposições e crítica curatorial*, mas também: *Narrativas plurais: caminhos indígenas, quilombolas e afro-diaspóricos para a descolonização* e *Outras histórias da sexualidade: memórias invisibilizadas e arquivos dissidentes*. Tudo isso aconteceu esse ano. Aí a obra da Rosana que eu trouxe aqui um pouco agora no banner da *História da arte - Moderna e Contemporânea*. De novo, *Davi à Van Gogh*. Também: *Arte contemporânea paraense: hibridismo, imagens e poéticas*, pensando os regionalismos também aqui no Brasil. A chamada arte popular em *Arte Popular: articulações do saber e do expor*, justamente para discutir o termo. *Histórias insubmissas da arte no Brasil negro*. Aí a gente vai a fundo na questão com o professor Igor Simões. *Educação, descolonização e outras inspirações para um mundo novo*. Originalmente era “para parir um mundo novo”, mas aí cortaram “para um mundo novo”. Com uma imagem de Exu ali. Esse curso foi bem bacana também, acabou semana passada: *O Renascimento pelo avesso: imagens, ficções e discursos coloniais*. Então, o quanto na própria construção discursiva do Renascimento a gente já tinha questões da colonialidade presente. Foi muito bacana com o professor Renato Menezes. E aí os últimos cursos do ano, *Histórias do cinema de artista no Brasil*, com a Patrícia Mourão de Andrade. Esse foi o curso de férias: *A arte negra como escrita da história: palavras, imagens e encenações*. Então, deixa eu interromper o compartilhamento. Eu trouxe isso para tentar ilustrar, para colocar na prática isso que eu estou

falando, para não ficar na teoria justamente isso que eu estou criticando, para mostrar o quanto o nosso campo de ação é variado. Ele não é só trabalho, mas é também os lugares que a gente frequenta, como a gente lida com as pessoas que estão ao nosso redor, é também a nossa pesquisa. Eu pesquiso poéticas contemporâneas da fotografia de autoria negra no acervo do Museu Afro Brasil e todas as outras coisas que eu faço na vida também vão girar em torno dessa questão de como a gente vive um mundo mais justo. Então, decolonialidade passa por isso também, mas pode ser qualquer outra palavra que a prática e o pensamento ou esse corpo que pensa vai estar alinhado a esse propósito Acho que é isso gente.

Thais: Obrigada, Glaucea. Acho que você trouxe tantas coisas que passaram também por algumas questões que a gente vai te perguntar. Eu queria só começar comentando que acho que a sua fala, como você mesma disse, em si foi circular como a sua trajetória. Então, eu queria retomar um pouco esse período da graduação porque ele diz muito das questões que você está pensando atualmente quando você fala do campo da arte, o que seria uma experiência artística válida, uma experiência estética, enfim. Essas questões estão em todos os níveis, desde o que a gente vê no museu até o que a gente vê na faculdade, nos lugares de formação. Pensando no departamento de artes, a gente pode encontrar isso também em vários âmbitos: na prova específica, quando existem critérios que estabelecem o que é uma habilidade válida, o que não é, qual arte merece o aceite, qual não merece. Mas isso para perguntar, na verdade, do seu TCC, que você falou com detalhes, mas eu queria saber um pouco mais. O seu TCC tem o título: *O ensino da arte para crianças pertencentes à comunidade da escola de samba Rosas de Ouro*. Acho que é um TCC que ainda soaria bastante diferente no que a gente vê de produção do CAP. Queria saber se você pode nos contar um pouco mais desse TCC, dessa pesquisa. Deu para entender?

Glaucea: Deu, sim. Eu vou falar duas situações: uma do TCC e a outra da minha banca de mestrado, porque uma coisa é você fazer uma pesquisa para finalizar um curso, para coroar uma trajetória e outra coisa é você fazer um projeto de pesquisa para entrar no programa de pós-graduação, têm pesos diferentes. É mais tranquilo você propor uma coisa inovadora no final, do que no começo tentando entrar. E essa minha ideia veio a partir da minha própria experiência no CAP, tinha uma ateliê de arte para crianças que eu participei, até pouco tempo ele acontecia, acho que eu vi na programação que as pessoas de fora podiam inscrever as crianças até alguns anos atrás. E eu participei na Licenciatura, foi uma experiência muito bacana, na época era com a Maria Christina Rizzi.. A reflexão que eu trouxe no final foi justamente essa, porque muitas das coisas que a gente propunha lá de conteúdo, de

experiência, de brincadeira. E depois eu tive experiência com o programa de iniciação artística também com o PIÁ mas já depois de formada, mas se fosse antes eu acho que iria casar muito bem com essa proposição. E eu fiquei pensando nessa questão "Mas será que a minha formação está acontecendo agora, ou eu já tive contato com arte, com fazer artístico, com experiência estética?". Sendo uma criança de comunidade, de escola de samba, sim. Porque isso acontece o tempo todo, e até hoje inclusive a ludicidade que é um dos chamados *valores civilizatórios africanos*. A ludicidade é isso, é o fazer presente essa coisa do ser brincante mesmo adulto, não uma coisa da infância que é separado é uma coisa que acompanha a gente ao longo da vida. E resolvi pesquisar na comunidade da escola de samba que a minha família pertence, que é a *Rosas de Ouro* e desde o começo quando a escola foi fundada, minha mãe morava na *Brasilândia*, que é o bairro original da *Rosas de Ouro*. A história da minha família tem a ver com isso, meus pais se conheceram nessa escola de samba, todo mundo é super integrado, e eu fui falar justamente disso, dessa questão do corpo, da performance, da dança, do Teatro e da questão visual também, histórica através dos enredos. Eu acho que o pessoal aprendeu muito isso com o enredo da *Mangueira* de 2019, para quem não é do Carnaval para entender um pouquinho daquilo que a gente faz desde que existe esse formato de Carnaval aqui no Brasil, que é uma forma de ensinamento, tanto histórico através dos enredos, das histórias que são contadas, muitas delas críticas sobre o Brasil, mas também em termos de visualidade, de corporeidade, de musicalidade, o quanto isso se expande para você falar de arte, no caso da dança. Voltando naqueles formatos, naqueles modelos do que é canônico, seguir determinados códigos, você está falando de corporeidade, se você entender música sem aprender a ler uma partitura, não estou dizendo que não importante mas estou tentando colocar como as pessoas colocam um tipo de valor hierárquico nesses conhecimentos, nessas habilidades. Mas como a gente determina valores para esses aprendizados, para esses conhecimentos, que no meu ponto de vista, deveriam ser todos válidos. Então fiz essa discussão no TCC, falando pontualmente da questão da banca, do jeito que você fez a pergunta, tinha uma das bibliografias que era sobre a obra do Arthur Danto sobre o fim da arte, no Mestrado era para eu discorrer sobre o fim da arte na perspectiva do Arthur Danto e aí eu comecei a falar " Quem disse que a arte acabou? a gente nem começou a falar dela ainda" começou assim a minha resposta, falei "Pronto, não passei". Porque aí vem eu, que era alguém que ninguém conhecia, rebater o autor que é super consagrado. Aí pensei " Ou deu muito certo ou deu muito errado" porque eu penso assim, "não acabou nada, porque a gente precisa falar muito ainda". Mas no final deu certo. Mas é

um pouco isso, de novo voltando, como o pensamento está em tudo, a gente está pensando o tempo todo e esse pensamento acontece de várias formas, quem vai determinar o que é melhor ou o que é pior, não deveria estar determinando o que é melhor ou o que é pior, a questão é justamente essa, isso não deveria existir. È muita coisa gente eu fico falando...

Thais: Não, é super interessante, obrigada, Glaucea. Só a resposta da banca do Mestrado também acho que daria algumas reflexões.

Glaucea: Várias, porque na hora de apresentar o projeto. E essa foi a parte da escrita, na hora de apresentar o projeto você ainda precisa convencer a banca de que o projeto é bom, e me perguntaram "Mas você não acha que você está falando só de artistas negros? no caso você está discriminando os outros" ai nessa hora eu pensei "OK, vamos lá". Então ai começa, essa questão da negociação que a gente fala muitas vezes quando vai estudar o período da escravidão, existia todo esse processo de negociação o tempo todo, a violência era absurda mas também essa capacidade de barganha ou de defender, de criar estratégias, que era aquilo que eu disse dos educadores ou das pessoas da Graduação para tencionar esse currículo. É histórico isso, você precisa o tempo todo criar estratégias para conseguir fazer aquilo que você quer fazer, que você sabe que é bom ou que é bacana ou que deveria minimamente ser considerado e não tem condições porque você não tem poder. É muito fácil sentar em um lugar e dizer "Você entra e você não entra, você passa e você não passa. Seu projeto é importante e o seu não é". Haja explicação, ai você respira e faz o que?. Ser arte-educador me ajudou a criar essas estratégias na vida, porque no limite é isso, a gente passa uma vida tentando convencer pessoas que de fato tem poder, que estão acima de você na estrutura da sociedade por qualquer outro motivo e você continuar, encontrar sua pauta. Falar quais são suas pautas, o que você gostaria de fazer, tentar encontrar. Isso é o tempo todo, foi assim no passado e é assim hoje. Minha banca foi no final de 2018, então é isso, no limite a minha pesquisa precisa primeiro existir para você criticar, ai quando ela estiver pronta a gente senta e discute. Mas primeiro ela precisa existir.

Antônia: Tem uma coisa super interessante nisso que você diz Glaucea que de certa forma mesmo a sua banca é uma parte desse grande escopo, desse conjunto de movimento, que diz respeito também aos movimentos sociais e que foi operando essa transformação ao longo das últimas décadas. Só para citar como você disse, nos últimos vinte anos. Então desde a aprovação da lei 10.639 em 2003, depois a 11.000 e hoje em dia. Acho que tem coisas bem interessantes que você já escreveu sobre a lei 10.000 e 11.000 e sobre a ideia de encarnar de

fato esse conhecimento e não ficar falando disso como uma teoria abstrata e que não encontra implicações práticas, implicações nos mecanismos que estão nas instituições. Então sobre a lei 10.000, que junto com a criação do Museu Afro-Brasil, existe esse posicionamento que está implicado as instituições escolares, lembro muito de uma fala sua em uma mesa redonda da ECA, que você fala "A lei garante esse posicionamento e que as escolas têm que se posicionar". Que não é mais o caso de sentar e discutir com o diretor da escola se racismo existe ou não. Existe essa garantia e que você precisa ter um posicionamento público e político perante um sistema que é racialmente excludente. E pensando também nesse movimento das instituições culturais para tratar dessas mesmas temáticas e se posicionar diante disso, se posicionar diante de, não necessariamente de um currículo como é o caso das escolas, mas de uma historiografia de arte que também fica se passando por falsa neutralidade, mas que não tem neutralidade nenhuma. Acho que eu queria entender um pouco mais como você vê essas transformações que sofreram tanto as instituições escolares quanto as instituições culturais e em que medida tanto as escolas quanto os museus, o MASP o Afro-Brasil e tanto outros, fizeram de fato esse trabalho de dar dois passos pra trás e identificar quais são os mecanismos dentro da própria instituição através dos quais o racismo se perpetua, Porque, como você diz Se é pra ficar bonito na pesquisa, se é para aprender a fazer cortejo de Maracatu e a cantar um Samba e se apressar em saber os conteúdos, mas sem olhar quais são os funis, quais os "processos seletivos" mas que são eliminatórios que estão dentro da instituição. Então de que maneira você vê que nesses últimos vinte anos ou até em um período mais curto ou mais longo isso tem sido feito, pensando nas garantias legais, na pressão dos movimentos sociais e nessas transformações num aspecto escolar e também das escolhas das instituições culturais, do que elas vão mostrar e de como elas vão falar daquilo que elas estão mostrando.

Glauce: Bom, eu acho que são duas coisas: a parte negativa da coisa toda é que em determinada medida o mercado absorve aquilo que é uma pauta legítima e muitas vezes distorce, então a gente tem que ter uma atenção, um cuidado com isso, porque isso de fato acontece, quando a gente esvazia de sentido uma pauta, como eu usei como exemplo a questão do termo isso pode acontecer também, por outro lado eu vejo o quanto a presença mesmo, aí volta para questão do corpo da fisicalidade da coisa toda a presença dessas pessoas, pessoas negras, pessoas indígenas, pessoas trans, maiorias minorizadas, racializadas ou de alguma forma oprimidas nas várias formas de opressão existentes o quanto a presença dessas pessoas não é só a pessoa estar ali, o quanto a presença dela significa muito mais. Essa

presença vai começar a mobilizar uma estrutura porque ela vai trazer toda uma rede na qual ela está inserida, de relações referências, experiências de vida, interesses, falas, olhares, sentires, é um conjunto, a gente é complexo, a gente não está em um lugar só sentado olhando passivamente, a gente está atuando, pensando, produzindo. Então isso faz sim diferença, é justamente essa a questão, quando você não tem é um problema, mas quando você tem, você vai ter o melhor porque para aquela pessoa chegar ali ela passou...É como *Racionais* diz "De vergonha eu não morri, to firmão eis me aqui". Então se eu recebi isso, que é nada, não é nem o mínimo para a gente viver dignamente, decentemente em qualquer sociedade, fazer o que a gente faz, na qualidade que a gente faz, na profundidade que a gente faz é surreal e as pessoas não sabem. Não sabem por não conviver, não olha o comprimento, não tem contato, tem gente que vive um Brasil que não tem contato com o Brasil profundo, com a realidade da situação, é muito complicado isso. Então chegar nesses lugares, produzir uma pesquisa com esse tema hoje seria diferente, ou criar uma programação ou falar alguma coisa, é óbvio que isso vai surtir um efeito , não imediato, mas claro que ao longo do tempo, porque voltar não é uma opção é um caminho sem volta. Estamos aqui justamente tentando criar estratégias para que outros venham até que a gente tenha todo mundo a mesma. É muito difícil explicar isso nesses termos porque estamos dentro de uma estrutura, como você muda essa estrutura estando dentro dela ?. Eu estou aqui porque eu ralei muito, não estou aqui porque meu sobrenome é tal, eu estudei muito, virei noite, eu trabalho muito o tempo todo. E é isso, a gente tem que ficar nessa negociação, isso é trabalho é energia, isso é desgastante. E por um lado tem as pessoas que acham que a gente tem que resolver os problemas do mundo, a gente não dá conta, precisamos agir, ter a vontade política é fundamental em vários lugares, nas instituições culturais, nas escolas a vontade política é fundamental, mas a gente precisa pensar em rede, começar a pensar coletivamente senão não funciona. Então eu acho que eu entendo essa mudança, pude observar essa mudança, a gente estar conversando aqui faz parte dessa mudança também. Precisa de mais? Claro que precisa, mas não vai parar se depender de todo mundo que está se mobilizando a vida inteira e coloca isso como um propósito, não vai parar. É uma pena que não seja imediato, são coisas que a gente não vai ver hoje o resultado total, não sei nem se eu saberia responder, mas é isso, desviar das armadilhas que a gente sabe que existe também e pensar em rede, agir em parceria. Uma coisa que eu aprendi muito a fazer nesses últimos anos foi parceria com os lugares, com as instituições, fazer o melhor com aquilo que a gente pode. E é isso, eu vejo mudanças, sou uma pessoa otimista, eu acho que as coisas tendem a melhorar sim porque não é possível trabalhar sem horizonte nenhum de

esperança é muito difícil, ainda mais nesses últimos tempos. precisamos dar valor ao que tem valor e manter o foco e continuar pensando que as coisas continuam no tempo mas que depende da gente também, da nossa responsabilidade.

Guilherme: Glaucea, eu gostaria de fazer uma pergunta também emendando no que você falou de pensar o lugar das instituições de arte hoje em torno das questões étnico-raciais, mas antes de colocar a minha pergunta eu queria falar pro pessoal que quem tiver alguma pergunta que queria fazer para a Glaucea e quiser ir colocando no chat porque aí eu vou fazer a minha pergunta e aí depois a gente pode retomar essas questões. Você tem atuação profissional no MASP mas também passou por outras instituições culturais e o MASP por exemplo é uma instituição cultural onde historicamente tem um tipo de produção artística que foi legitimada, até pela fundação do museu ser em torno das obras de grandes mestres europeus. Pensando também até no seu TCC que você fala das escolas de samba, da Rosas de Ouro. Também retomando a sua fala de pensar em formas de conhecimento que atravessam diversas dimensões no terreiro, nos cultos religiosos que são de matriz africana e que não estão só necessariamente nos espaços mas hegemônicos, canônicos. A minha pergunta é: pensando o terreiro como uma potência também artística, já que ele é carregado de diversas formas de conhecimento. Como essas formas de conhecimento podem entrar na escola e na universidade, porque são instituições que têm certos códigos específicos que também são herdeiros da Europa. Em que medida a gente pode pensar também o terreiro para repensar as instituições de arte, em que medida ele pode se aproximar das instituições de arte ou talvez se distanciar desse modelo dos museus. Em que medida é preciso disputar os espaços das instituições culturais ou talvez criar novos. Não sei se ficou claro a minha pergunta, eu tentei juntar muitas coisas, mas se você puder comentar, obrigado.

Glaucea: É complexo, eu acho que o museu continua sendo um dispositivo colonial de poder, tem que se repensar da forma com que ele existe nessa estrutura. Eu acho que existe uma intenção sim de se aproximar desse espaço do Terreiro, mas eu sempre imagino que seja uma tentativa, ou pelo menos da forma que tem acontecido é imparcial, é mais um sentido de um determinado conteúdo que interessa e é absorvido para dentro do museu, no que de fato pensar em uma compreensão mais horizontal dessa produção de conhecimento e de arte que acontece no espaço do Terreiro, eu acho que o Terreiro tem uma autonomia em si enquanto potência artística, espaço de produção artística e que a gente ainda não encontrou um meio de valoriza-lo enquanto tal, eu não acho que isso acontece por mais que a gente tenha exposições que tratem de temas de religiosidades no Brasil que acontecem no espaço dos terreiros, mas

teria que ser uma coisa nova, na minha humilde opinião, teria que ser uma coisa completamente nova. Por exemplo no Museu Afro-Brasil que eu trabalhei, se for contar o tempo decorrido, nove anos as vezes a escola chegava o núcleo de religiosidade era o mais negado pelas coordenações pedagógicas e diretorias. "Olha não passa naquele Nucleo, por favor" alguns diziam "Eu não gostaria de falar de Macumba, você pode pular essa parte?". Entende, a pessoa fez todo um movimento, toda a parte visual esta feita, ela foi pegou o ônibus com as crianças, marcou agendamento, chegou no dia mas ai chegou na cara do gol diz "Olha a gente não quer falar de Macumba com as crianças, por favor". E ai vem a questão, a gente não falava? Claro que a gente falava, obvio tinha que falar, a questão é como se fala também, porque é isso as pessoas não sabem nem o que é a religiosidade por conta do racismo, não é só o preconceito religioso é o racismo. "Ah, é Macumba, é coisa do Diabo". É um problema, é uma questão vai falar, não vai falar. Ai é que a gente fala mesmo. Então voltando a questão de criar estratégias, é todo um trabalho de conhecimento de energia para a gente dar conta desse conteúdo sem a pessoa minimamente entender, a final não esta só ali, esta em tudo, se a gente for falar de musica, arte, da nossa língua e das palavras que a gente usa, esta tudo inserido também mas as pessoas não pensam dessa forma. Por isso eu acredito na educação, acho que a educação é fundamental nesse processo, não adianta a gente produzir, falar e pesquisar se a gente não tiver um processo forte, continuo e profundo de educação, e de novo, eu não acho que é aleatório essa lei ter sido implementada justamente nas diretrizes e bases da educação, educação é fundamental, acho que a educação é uma saída potente para esse beco sem saída que a gente se encontra do racismo e do preconceito. Voltando para sua pergunta, eu acho que a gente ainda não chegou nesse lugar, teria que ser uma coisa nova mas a gente tem tentado minimamente essas aproximações, e se a gente pensar no tempo, cada vez melhor as proposições têm acontecido, se a gente observar as exposições com objetos do contexto de Terreiro, de filmes, de produções artísticas em geral, eu acho que hoje tem uma forma de se apresentar ou de se relacionar com o conteúdo muito mais respeitoso do que alguns anos atrás, mas ainda não é o ideal.

Guilherme: É que eu também fiquei pensando, como que o terreiro é um espaço de coletividade, de sociabilidade e no geral as instituições culturais, ou se a gente pensar também as galerias acabam privilegiando a individualidade dos artistas, até por ser um sistema numa sociedade capitalista a valorização de uma trajetória pessoal que possa ser valorizada e gerar lucro. É o que acontece e isso me faz pensar também nesse "*Boom*" dos artistas afro-descendentes que a gente vê agora e pensando no que você comentou de quanto o mercado absorve essas

pautas então parece haver um avanço dessas pautas relacionadas às questões raciais, mas ao mesmo tempo essa estrutura de valoração do capital se mantém.

Glauce: Por isso que eu acho importante o treinamento do olhar, saber lidar com a complexidade que é intrínseca ao processo, a gente fala de decolonialidade e não fala de descolonização, algumas pessoas falam "por que não usa o termo descolonização?" Porque não tem como descolonizar, é essa a ideia, não tem como " Vamos apagar tudo e fazer de novo" seria o ideal, mas não tem como.. Então como a gente lida com a contradição no meio do processo não é simples, exige vontade política e coragem de bancar até o final. " Ee vou levar esse projeto até o fim, vou falar de religiosidade, sim'. Por isso a gente precisa de pessoas nesses lugares de poder, a gente precisa das pessoas certas nos lugares certos, senão de fato nada muda, nada acontece. Então a gente precisa de muita coisa, por isso a gente precisa se articular, voltando a esses movimentos, movimento negro unificado do Brasil, os artistas também quando se unem em determinado tipo de proposição ou essa mobilização que esta acontecendo aqui dos estudantes, a gente precisa se articular, sem articulação dificilmente as coisas mudam, ninguém vai lutar por aquilo que te favorece, que te coloca no topo da cadeia alimentar, a não ser que isso reverta em lucro, como você colocou, senão não vai não. Então a gente precisa ter esse olhar atento para entender as armadilhas por que elas estão colocadas, elas vão existir sim, vão coexistir até mudar como a gente imagina e ter olho para identificar, ter formação, ter dialogo, ter processos Artístico pedagógicos, ter a educação como pano de fundo disso tudo, senão não muda não.

Tem bastante gente na sala, estou vendo esse número aqui 43, vocês querem perguntar alguma coisa gente ? abrir a câmera também...

Thais: Era isso que eu ia falar agora, a gente vai abrir para algumas perguntas pro público porque senão a gente fica aqui falando.

Antônia: Se quiser mandar no chat a gente lê, ou levanta a mãozinha mesmo. **Glauce:** Eu vi que a Mércia colocou aqui "Participei da implantação da Lei e fiz cursos, mas ainda percebo infelizmente que o conteúdo sobre a arte africana no currículo oficial, quando implantaram os cadernos de arte, era sempre deixado para o último bimestre com tempo reduzido, parece que era uma obrigação do Estado, é uma luta constante contra o preconceito inclusive religioso". Exatamente, eu já participei de duas publicações, elaborações de materiais didáticos, vou começar uma agora em novembro para concorrer ao PNLD de 2024 ainda, mas eu tive duas que já foram aprovadas, então só para dizer que tudo aquilo que eu faço também, escrever o material didático, elaborar e pensar o conteúdo com tudo isso que a gente está discutindo,

também acredito nisso, também faço isso, porque se não é isso que a Mércia colocou: ou não tem ou é colocado de uma forma que continua subalternizada, diminuída em relação aos outros conteúdos. Então de novo gente, tudo que vocês puderem fazer a partir dos conhecimentos que vocês acumularem que vocês tiverem ao longo da vida, da trajetória de militância, de pesquisa, façam porque sempre vai ser pouco, não que é insuficiente, que não é válido. Aquilo que vocês puderem fazer, façam porque vai ser sempre preciso, o buraco vai ser sempre maior do que a gente tem para tapar, mas se todo mundo estava junto em jogar a terra junto, em algum momento a coisa vai mudando, é meio isso. Eu fico ao mesmo tempo dando conselho, desculpa, gente pode perguntar se vocês quiserem. Quem quiser certificado, preenche ali por favor, tem o link aqui no chat. **Caio:** Glaucea, a pergunta que eu tinha para fazer era um pouco sobre o método, seu método de olhar para os objetos, quando a Amanda passou aqui na conversa eu perguntei isso para ela também. Eu queria saber como você descreve esse olhar que você lança, porque assistindo você falar sobre Heitor dos Prazeres é lindo, porque é um olhar muito atencioso, e conecta alguns detalhes com teor social. Ai eu queria que você falasse um pouco sobre isso, esse seu modo de olhar para os objetos de arte.

Glaucea: Como posso explicar ?! Eu acho que quando a gente está no fundo, a gente tem uma visão que é muito privilegiada das coisas todas, de detalhes que normalmente se você estiver só numa ponta, vai te escapar. Interseccionalidade tem a ver com isso, quando você está na base e está todo mundo em cima e todo mundo quer falar e você só ouve, porque é esse o seu lugar, o lugar que te colocam, de alguma forma você aprende a ver de fato, você não está tentando ganhar um discurso, você está vendo, está se aproximando da coisa, se você se aproxima, você respeita, entende, consegue estabelecer diálogo, é um pouco isso, não tem muito segredo, é você ver, estar ali e considera o que está ali. Grande parte das pessoas simplesmente não considera porque não é relevante por algum motivo. E a gente sabe os motivos na verdade. Se aproximar das coisas, das pessoas, entender que tudo comunica, era uma coisa que eu tinha pensado de falar aqui, nem lembro porque mas cabe muito na sua pergunta, não é só pensando nas religiões, na arte, na música, na dança, não é só o que a gente vê, também é o que está oculto, é o que não aparece. A música é o som, mas também é o silêncio. Na arte tem aquilo que é cheio, mas também tem o vazio, tem a existência, mas tem a ausência, tem o mundo dos vivos, mas tem o mundo dos não vivos. Tem uma coisa acontecendo que você talvez não alcance, pelo preconceito, pelo racismo, por uma série de questões, ou é porque você não tentou se aproximar daquilo e entender, ouvir o silêncio, entender que aquilo está te comunicando algo, são detalhes que às vezes as pessoas preferem

olhar para um lado que não tem nada a ver do que outro exatamente por isso. De não querer nem estabelecer contato com aquele objeto, porque estabelecer contato com aquele objeto é reconhecer todo o conhecimento que existe ali, é reconhecer valor, reconhecer potência, reconhecer história, é reconhecer como válido, e às vezes é esse o exercício que tem por trás e as pessoas não leem de determinada forma. É você fazer o exercício de considerar aquilo válido. Se não é válido, não vou nem olhar, não vou ver, não quero saber, não vou ouvir, não vou entender, uma coisa leva a outra não tem muito jeito. Quando eu pego um objeto, qualquer um eu vou desfiando tudo que vai saindo dali, tudo que esta ali, tudo que tem, ai eu fico me perguntando "e o que não tem? Deixa eu tentar entender também o que não tem também" e aí você vê que na verdade têm, às vezes não têm em você, mas esta ali, outra pessoa vai chegar e vai ver, ai quando você aprende a ouvir as pessoas também, não só tentar impor a sua voz, aí você vai completando essas lacunas, é bem complexo, é um exercício de respeito.

Antônia: a Maria Helena da silva Brito, não sei se ela é sua parente

Glaucea: Ela é minha parente sim [risos].

Antônia: comentou " Já ouvi relatos e educadores dizendo quando muitas vezes são barrados pela própria direção da escola para trazer esse conhecimento aos alunos mesmo com a Lei 10.639 aprovada"

Glaucea: Sim, é o que eu disse que acontece no museu, as escolas chegando e dizendo que não querem falar sobre esse assunto. Se a própria escola já coloca isso como uma questão, como a gente vai trabalhar com os estudantes? Sim, isso acontece sim.

Antônia: Dessa investigação do olhar que você disse respondendo o Caio, é interessante porque tem também o saber olhar para o seu próprio olhar e identificar nele também os seus systeminhas ou mecanismos que você esta usando para olhar as coisas, então muitas dessas categorizações que você mencionou na sua fala de chamar de arte Naif de arte primitiva e de pressupor uma hierarquia. Então você bate o olho e fala isso é arte primitiva e aí você já chega para olhar um objeto e estar diante de uma manifestação cultural com uma carga prévia, então esse aprender a olhar também é aprender a investigar o seu próprio olhar, seu mecanismo de olhar.

Glaucea: Acho que nessa fala do Heitor tem uma parte que eu coloco isso que a crítica coloca no campo da emoção, vem do coração, tudo isso para não reconhecer que existe um pensamento ali, que é racionalidade, que é um conhecimento válido que existe toda uma

fundamentação que se desdobra na pintura, na composição ou no tema. É complicado isso, aí volta a ideia de neutralidade, não existe neutralidade, é tudo política, é tudo parcial, então se a gente fizer isso, a gente entende quem a gente é, como a gente olha. Tenta minimamente reconstruir ou se reorganizar diante da sociedade que se coloca para gente.

Guilherme: Glaucea, a gente tem mais uma pergunta para ir encerrando, é uma pergunta meio otimista. Você falou da arte como uma potência, como também pensar a arte e a educação como ferramentas de mudança para superar essa sociedade que a gente vive, marcada pela opressão e pela desigualdade social. Então a nossa pergunta é: " Que realidade podemos ou devemos vislumbrar para o futuro, o que cabe a nós, estudantes, professores e artistas para a construção dessa mudança? não só na construção do futuro como uma coisa muito distante, mas na construção do presente, no aqui e agora" É uma pergunta meio sonhadora, por isso estou até achando meio graça porque a gente quis fazer uma pergunta mais otimista.

Glaucea: Sim, vamos terminar bem. Eu acho que eu falei ao longo da nossa conversa. eu também sou super otimista em relação ao futuro e ao que a gente pode fazer. Eu não sei se eu anotei alguma coisa em relação a isso... Falei sobre esse conjunto de movimentos, daquilo que a gente acumula ao longo da vida, o quanto a nossa bagagem é muito preciosa nesse sentido, tanto de compartilhar quanto de pensar em rede também. Eu vi coisas muito bacanas na experiência escolar de projetos nas escolas, eu tive contato principalmente com a rede municipal nesse sentido porque eu trabalhei durante muito tempo na Secretaria Municipal de Educação em um edital que eles lançaram de novo e não chamaram até agora inclusive, vai fazer dois anos. Mas eu trabalhei em 2015/ 2016 como arte educadora para as relações étnico raciais da Secretaria Municipal de Educação pelo DOT - Diretoria de Orientação Técnica, núcleo étnico-racial, ou de relação étnico-raciais eu não lembro direito o nome. Foi um trabalho fantástico, poder trabalhar com as escolas, com a formação dos servidores, não eram só os professores, era todo mundo, os serventes, professores, coordenadores pedagógicos, diretores, motoristas, todo mundo que quisesse se inscrever para as atividades que a gente propunha, de formação e de oficina, aí tinha a parte teórica e a parte prática, foi muito bacana. Então por um lado algumas coisas foram bem assustadoras de ouvir, mas a gente tem que lidar com aquilo, de trabalhar mas também de poder ver o quanto a iniciativa de determinados professores. É difícil, exige muito da gente, mas no contexto não tem muito jeito, é a gente trazer aquilo que a gente de fato acredita, que orienta a gente, para esse campo do profissional, da melhor forma que a gente puder fazendo coisas em rede. Eu tenho um

exemplo disso, tem a ver com isso também, eu participei de um projeto pelo Museu Afro-Brasil em 2012, que era um projeto em parceria com uma Instituição dos Estados Unidos, *Prince Georges African American Museum*, é como se fosse o Museu Afro-Brasil também, mas em Washington DC., dialogando com a história afro-americana ali da região. Eram três artistas convidados aqui de São Paulo para trabalhar em uma escola de Ensino Médio, no centro de artes dessa escola pública de lá, eu era uma das pessoas que acompanhou o grupo, foi em 2012. Chegando lá, eu fiquei muito impressionada, passamos 11 dias, fizemos o projeto de arte em mural, que é grafite. A gente conheceu os laboratórios, as salas de arte, eu fiquei boquiaberta eu falei " Gente, na USP eu não tinha uma estrutura dessas e aqui é público, que loucura". Eu fiquei muito impressionada, foi muito bom conhecer. Também passei por Maryland, uma região que tem muitas pessoas negras, a maioria na escola lá também era estudantes negros. Quando eu voltei, no final do ano de 2012 para 2013 a coordenadora dessa Instituição mandou um edital da aliança americana de museus dizendo que eles queriam escrever para esse edital porque achava que tinha tudo, que a gente tinha oportunidade de fazer um projeto bacana tendo a ver com educação, e eles queriam levar outros artistas negros do Brasil, de São Paulo. Ninguém queria inscrever, aí eu disse que tínhamos uma oportunidade ali, se para mim foi tão impactante com 217 ou 28 anos, imagina aquelas crianças que estão lá, esses estudantes. Eu só tive acesso a esse tipo de coisa quando eu entrei na USP e não está nem no mesmo nível, imagina o que é para as crianças no Brasil, eu pensei "Se eu tivesse isso quando eu tivesse 15 anos como seria". Vamos inscrever o projeto. Eu disse " Olha, Channel [coordenadora] vamos tentar colocar para estudantes de escolas públicas, fazer esse intercâmbio, não a gente que já está adulto. Acho que o impacto para esse público seria outro". Nós escrevemos todo um roteiro de pesquisa, resumidamente, esse projeto era 1 ano de pesquisa da história afrodescendente

aqui no Brasil, em paralelo com a história afro-americana nos Estados Unidos para pensar esse movimento diaforico para ver questões em comum ou questões de especificidades de cada cultura, fazendo aulas de inglês os alunos aqui da EMEF Vereador Antônio Sampaio em Santana e a escola em Washington. Eles faziam videoconferência, fizeram oficina para aprender a língua. Eu montei um roteiro de lugares para visitar, inclusive terreiro. Fui colocando tudo que podia, inclusive o SESC nem fazia esse roteiro que eles fazem agora de negritudes e afins. Eu coloquei tudo no projeto para eles fazerem, e fizeram. O projeto foi aprovado, era uma verba super grande mas ainda faltava um pouco, porque os estudantes vieram para cá, ficaram um tempo aqui entre 2013 e 2014. Depois foi a vez do pessoal daqui

de São Paulo ir para lá, eles foram, mas eu nem fui porque eu fui demitida no meio do processo, mas o projeto aconteceu e foi incrível. É satisfatório a gente pensar além, pensar no futuro, a gente pode fazer isso agora, mas a gente projeta isso que a gente esta fazendo pro futuro. Vai funcionar para eles, eles tem 15 anos imagina o impacto que é na cabeça deles. Eu até separei a notícia, se vocês depois quiserem pesquisar também, foi um projeto muito bacana e concorreu ao prêmio de direitos humanos pela Secretaria aqui em São Paulo. Então eu quero dizer, Guilherme, eu super acredito, precisamos ser otimistas nesse nível, não é só para a gente é para o mundo. Claro que a gente sempre se melhora fazendo as coisas que a gente acredita, isso faz parte do processo, mas melhorar como grupo, como sociedade. É nesse sentido porque se a gente não acreditar nisso eu não sei o que sobra, porque o que podiam tirar da gente, até o sentido de humanidade, já foi tirado, o que resta? "É só para ganhar dinheiro?". É a gente entender que a gente faz parte desse processo de transformação, da mesma forma que a gente também é oprimido, então é esse jogo, a gente fica nessa disputa o tempo todo até a hora da possível virada. Então é ter isso no horizonte, eu sei que é pouco o que a gente faz, mas só de saber que no pouco já acontece já é uma satisfação, já é algo relevante, porque se todo mundo fizer a sua parte vai ser muito melhor. Até o Daniel Manduruku numa mesa que eu medie e ele participou disse " Eu sou professor, de professar a fé, algo que você acredita". Então se a gente não acredita nessa ideia de professar um futuro melhor, algo que possa servir futuramente como algo melhor, a gente para tudo e não faz mais nada porque não faz muito sentido. É isso gente, a gente sonha e tem que se mover em direção a isso, é o caminho não tem jeito, é se lançar mesmo, as vezes não tem a resposta as coisas são difíceis, como foram durante muito tempo, e para mim pessoalmente imagina. É muito difícil sendo mulher, sendo mulher preta, sendo periférica e andar na USP, fazer um curso em Harvard. É tudo nessa base da negociação, impor limite o tempo todo e não parar, fazer tudo que for possível, eu faço tudo, trabalho o tempo todo, tirei minha primeira folga depois de um milhão de anos agora nesse feriado de finados, mas é isso. Ainda levei o computador, que eu falei que não ia levar mas eu precisava entregar um outro trabalho, é isso, se colocar no propósito, por isso eu digo é a gente inteiro naquilo que a gente acredita, naquilo que a gente faz, não dá pra ser metade, não dá para ser por menos que uma transformação justa da sociedade. É isso.

Thais: Nossa, super obrigada, Glaucea. Eu acho que a gente vai ficar pensando bastante aqui no que você falou, reverberando mesmo. Eu vou só ler alguns

comentários aqui, a professora Sumaya fala "Quantas reflexões importantes você esta nos proporcionando, Glaucea. Muitas contribuições para seguirmos nessa tarefa urgente e necessária. Muito obrigada, foi maravilhoso". Camila fala "Um privilégio ter essa troca com você Glaucea", Daniela "Tem que ocupar, tem que se fazer presente" a Mércia comenta " Estou muito feliz de ter participado do encontro e agradeço a oportunidade em poder ouvir a Glaucea, uma honra ouvi-la parabéns pela iniciativa". E aqui o comentário do Caio "Essa disposição a falar de alguns assuntos também determina o olhar para algum objeto, porque quando você olha para o sapato da pintura do Heitor tem algumas coisas que você busca, porque tem um sentido social naquilo que você fala sobre. E quem olha para o sapato, às vezes na teoria sobre artes fecha os olhos para determinados detalhes que se podem abrir para uma experiência social que se quer ignorar, falar do sapato também é um posicionamento político." E o pessoal continua a elogiar aqui Glaucea, acho que é isso. Da minha parte não tenho mais comentários, vou ficar pensando bastante e em nome aqui do grupo, se alguém quiser falar depois. Eu queria agradecer você imensamente, acho que a gente fecha o ano com chave de ouro, foi uma coisa bastante especial para muita gente no departamento de artes, esse projeto. E é isso, se alguém quiser falar, fica aberto aqui mas eu acho que a gente pode encerrar.

Glaucea: Eu agradeço imensamente

Sumaya: Eu quero agradecer, Glaucea, eu quero falar mesmo da minha alegria, do meu contentamento pela sua presença acima de tudo, pela presença da sua mãe, a Maria Helena, é uma honra ela estar aqui com a gente, ela já esteve conosco em outros momentos, o seu pai também. Um dia a gente vai chamar os dois para conversar, eles tem muita coisa para nos ensinar. E a qualidade da sua participação aqui, você não tem noção do quanto você está nos fazendo pensar, refletir, contribuindo para esse nosso projeto que nasceu de uma necessidade mesmo e essa necessidade nasceu, inclusive, no corpo dos estudantes. Então muito matéria para gente pensar e refletir, pois é um processo sobretudo pedagógico que a gente quis instaurar, por isso a conversa, por isso o *google meet* e não são a transmissão pelo *youtube*, por isso é que esse projeto vai derivar outras coisas, por exemplo uma gravação que vai para o *youtube*, uma publicação, e vai alimentar um processo nosso interno de reflexão também. Então eu quero te agradecer muito e dizer que a gente retorna o ano que vem com novos e novas convidados e convidadas, contando com a presença de todo mundo, então obrigada Glaucea, de coração, foi maravilhoso. Espero que você volte para continuar conversando com a gente em outros momentos.

Glaucea: Eu que agradeço, gente. Fico muito feliz de ter participado, é diferente, é bem especial para mim, como eu coloquei no começo lá no começo, eu não deixaria de participar por nada, a gente até viu a questão da agenda e tudo para conseguir dar certo. E é isso gente, apanhei muito na USP e continuo no processo e é isso, quando a gente volta também, a gente volta daquele jeito, a gente fala do sapato, a gente fala da perna, a gente fala da cor, a gente fala do que a gente quiser porque isso aqui também é nosso, é dinheiro público e a gente sabe de onde vem isso. Tudo que a gente vive, a gente tem essa consciência, a gente sabe, a gente só não tem o poder de transformar da forma que a gente gostaria, mas a gente encontra a forma senão a gente não estava aqui. Então, pensar em quem veio antes para que a gente pudesse estar aqui dessa forma, falando nesse lugar, para que futuramente outras pessoas que se espelham na gente, que caminham com a gente, que seguem essa mesma linha que a gente possa fazer muitas outras coisas. Então a gente como arte-educador ou como educador sejamos uma ponte, mas que seja uma ponte forte, potente e que permaneça com o tempo. Então espero que isso aconteça com o projeto de vocês, trazendo outras questões no futuro. É isso gente, fiquem bem, fiquem fortes, saudáveis, vivos, que ano que vem é nós

Antonia: A gente agradece, queremos ter você aqui de novo, muitas vezes. E agradeço a todo mundo que está envolvido, a gente faz isso juntos, muito obrigada a todos por terem vindo, venham sempre.

Glaucea: Valeu pessoal, tchau, tchau então.